

As teorias de Dugin, Mackinder e Spykman: três conceitos de Eurásia e suas implicações para a Rússia

Valdir da Silva Bezerra¹

Fernanda Martins Feijó Pinheiro²

Resumo: Um dos três símbolos oficiais do Estado russo (além da bandeira e do hino nacional) é o brasão com a figura da “Águia Bicéfala”, representando a natureza dual do país, cujo olhar volta-se ao mesmo tempo para a Europa e Ásia. Não sem razão, a ideia de “Eurásia” (confluência desses dois continentes) figura como uma das questões mais controversas entre as elites políticas e acadêmicas tanto na Rússia como no Ocidente. Enquanto nos países Ocidentais o termo refere-se sobretudo ao “espaço pós-soviético”, na Rússia ele incorpora a noção de uma “civilização singular”, cujo destino estaria ligado à integração de um gigantesco espaço territorial e geopolítico que se estende da Europa Oriental até o Leste da Ásia. Abarcando, por sua vez, três conceitos distintos a respeito de Eurásia, elaborados pelo filósofo russo Alexandr Dugin e pelos teóricos ocidentais Halford Mackinder e Nicholas Spykman, este artigo busca identificar as implicações dessas diferentes teorias para a Rússia contemporânea.

Palavras-chave: Eurásia, Heartland, Rimland, Rússia.

The theories of Dugin, Mackinder and Spykman: three concepts of Eurasia and their implications for Russian State

Abstract: One of the three official symbols of the Russian State (in addition to the flag and the national anthem) is the coat of arms with the figure of the “Double-Headed Eagle,” representing the dual nature of the country, whose gaze is directed at both Europe and Europe. Not without reason, the idea of “Eurasia” (the confluence of these two continents) appears as one of the most controversial issues among political and academic elites in Russia and the West. While in Western countries, the term refers mainly to the “post-Soviet space,” in Russia, it incorporates the notion of a “singular civilization,” whose destiny would be linked to the integration of a gigantic territorial and geopolitical space that extends from Eastern Europe to East Asia. Encompassing, in turn, three distinct concepts regarding Eurasia, elaborated by the Russian philosopher Alexandr Dugin and the Western theorists Halford Mackinder and Nicholas Spykman, this article seeks to identify the implications of these theories for contemporary Russia.

Keywords: Eurasia, Heartland, Rimland, Russia.

Las teorías de Dugin, Mackinder y Spykman: tres conceptos de eurasia y sus implicaciones para Rusia

Resumen: Uno de los tres símbolos oficiales del Estado ruso (además de la bandera y el himno nacional) es el escudo con la figura del “águila bicéfala”, que representa la naturaleza dual del país, cuya mirada se dirige tanto en Europa como en Asia. No en vano, la idea de “Eurasia” (la confluencia de estos dos continentes) aparece como uno de los temas más controvertidos entre las élites políticas y académicas tanto en Rusia como en Occidente. Mientras que en los países occidentales el término se refiere principalmente al “espacio postsoviético”, en Rusia incorpora la noción de una “civilización singular”, cuyo destino estaría vinculado a la integración de un gigantesco espacio territorial y geopolítico que se extiende desde Europa del Este. al este de Asia. Abarcando, a su vez, tres conceptos distintos sobre Eurasia, elaborados por el filósofo ruso Alexandr Dugin y los teóricos occidentales Halford Mackinder y Nicholas Spykman, este artículo busca identificar las implicaciones de estas teorías para la Rusia contemporánea.

Palabras clave: Eurasia, Heartland, Rimland, Rusia.

¹ Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia).

² Pós-Graduada em Ciências Aeroespaciais, Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro, Brasil.

Introdução

“Posicionados entre duas das principais partes do mundo, Oriente e Ocidente, apoiando-se em um ombro na China e no outro na Alemanha, deveríamos fundir em nós os dois grandes princípios da natureza espiritual – a imaginação e a razão – e combinar, em nossa civilização, a história do mundo inteiro” (CHAADAEV, 1836, n.d.)³.

O campo da geopolítica tradicionalmente analisa a relação entre os países e os territórios, assim como sua ligação direta com as disputas de poder vigentes no mundo. Eventos como a formação de alianças, percepção de ameaças e a eclosão de conflitos armados estão intimamente vinculadas tanto às características geográficas dos atores envolvidos, quanto às escolhas políticas que fazem. Nesse contexto, e em especial no âmbito da geopolítica global contemporânea, uma das áreas que mais tem suscitado o interesse global e público é a Eurásia.

Basta-nos lembrar que o cientista político radicado nos Estados Unidos Zbigniew Brzezinski, em sua obra “O Grande Tabuleiro de Xadrez: Primazia Americana e Suas Imperativas Geoestratégicas”, se dedica no capítulo “A geoestratégia para a Eurásia” a oferecer alguns *insights* valiosos sobre o poder dessa região, como pode ser visto pela afirmação a seguir:

[A] Eurásia é o lar da maioria dos Estados politicamente assertivos e dinâmicos do mundo. Todos os pretendentes históricos ao poder global tiveram origem na Eurásia. Os aspirantes mais populosos do mundo à hegemonia regional, China e Índia, estão na Eurásia, assim como todos os possíveis desafiantes políticos ou econômicos à primazia americana (BRZEZINSKI, 1997, p.50; tradução nossa)⁴.

A relevância geopolítica da Eurásia destacada por Brzezinski no século XX continua claramente refletida na atenção contínua que a região em questão tem recebido a nível global nos últimos tempos. Aliado a numerosas populações, a seu

³ “А между тем, раскинувшись между двух великих делений мира, между Востоком и Западом, опираясь одним локтем на Китай, другим на Германию, мы должны бы были сочетать в себе два великих начала духовной природы - воображение и разум, и объединить в нашей цивилизации историю всего земного шара” (ЧААДАЕВ, 1836) – no original, em russo.

⁴ Países identificados por Brzezinski em 1997 como "aspirantes à hegemonia regional" (como China e Índia, por exemplo) têm apresentado um desempenho notável nos últimos anos em termos de crescimento econômico, superando não apenas a média global, mas também os Estados Unidos e os países do G7.

potencial econômico substancial e em função da presença de recursos naturais vultosos, a Eurásia vislumbra o aumento de sua influência para os grandes tomadores de decisão contemporâneos. Com a Guerra da Ucrânia, por sua vez, ratifica-se o papel da Eurásia como o “coração do mundo geopolítico”, à luz das ideias de pensadores como Alexandr Dugin, Halford Mackinder e Nicholas Spykman.

Afinal, quais poderiam ser as relações entre as diferentes visões de Eurásia (ocidental e russa) propostas por esses autores e a atuação de Moscou em seu exterior próximo? O intuito deste artigo é responder justamente a essa pergunta. Para isso, iniciamos por uma análise das principais componentes do Eurasianismo Duginiano, seguindo então para os conceitos de *Heartland* de Mackinder e, por fim, pelo conceito de *Rimland* do teórico Nicholas Spykman.

1. EURÁSIA COMO PONTO FOCAL DA OPOSIÇÃO RÚSSIA-OCIDENTE: UMA ANÁLISE DE DUGIN E MACKINDER

Alexandr Dugin é um geopolítico e conselheiro político russo, que muitos no Ocidente consideram ter alguma influência sobre o Estado russo e sobre as decisões de Vladimir Putin. Segundo ele, durante séculos a Rússia buscou uma alternativa ao modelo Ocidental de desenvolvimento, desde o conflito medieval ocorrido entre a Igreja Ortodoxa e as Igrejas Católica e Protestante, até o confronto socioeconômico [envolvendo capitalismo e socialismo] no século XX (DUGIN, 2014).

Segundo Dugin (2014), no século XXI a oposição entre Rússia e Ocidente será caracterizada pela disputa entre Eurasianistas (a saber, as “civilizações da terra” tendo a Rússia como seu centro) e Atlantistas (as “civilizações do mar” tendo os Estados Unidos como centro); onde a Eurásia deve ter como seu princípio fundamental a rejeição ao Atlantismo, manifestado pelos valores liberais promovidos pelo Ocidente. Dugin (2014), afinal, defende a pluralidade de sistemas de valores em oposição ao modelo Ocidental de pretensões hegemônicas e a defesa da tradição e da religião contra o materialismo individualista europeu e norte-americano⁵.

⁵ No Ocidente, de um modo geral, o homem é geralmente apresentado como um indivíduo “atomizado”, com o reconhecimento de sua liberdade obrigando a sociedade a ‘adequar-se’ a suas demandas

Vale lembrar que o próprio presidente russo Vladimir Putin também enxerga a promoção de valores liberais (sobretudo norte-americanos) como uma ameaça à soberania cultural dos Estados (MAZARR *et al*, 2018). No limite, tais valores liberais seriam um disfarce para ideologias expansionistas, baseadas na propagação de padrões específicos de cultura e de comportamentos que não são condizentes com as tradições e com a história da Rússia (TSVETKOVA, 2017). Para Putin, assim como para Dugin, uma das principais tarefas da Eurásia consiste na preservação de sua identidade civilizacional frente a influências externas que procuram minar os valores e as tradições de seus povos locais.

Assim, enquanto na Guerra Fria a oposição entre civilizações assumiu um corolário político-econômico em torno da disputa socialismo *versus* capitalismo, hoje ela reveste-se de um discurso sobre tradicionalismo *versus* modernidade. Logo, um dos fatores a explicar a hostilidade americana (e Ocidental de um modo geral) à Rússia de Putin se dá pelo fato de Moscou representar o principal obstáculo à expansão dos valores liberais do Ocidente para dentro do continente eurasiático. Em vista desse quadro, Dugin enxerga na Rússia um dos principais centros de influência do mundo multipolar.

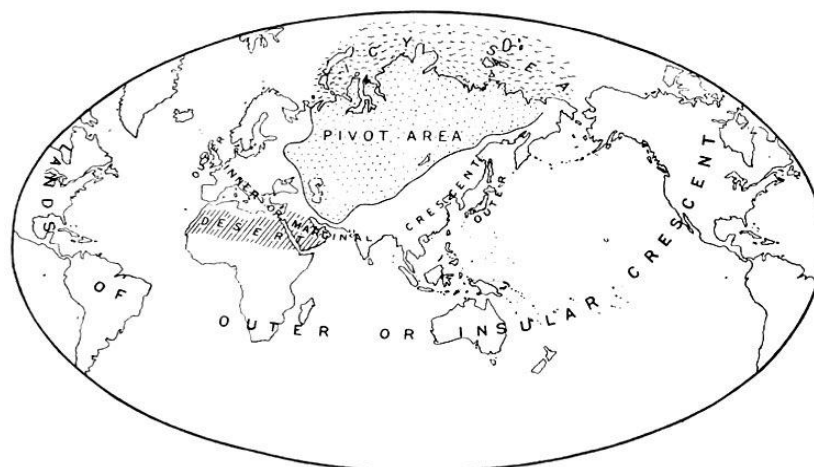
Dugin também considera que é a geopolítica quem determina a luta dialética entre as civilizações da terra (Eurásia) e do mar (Atlantistas), influenciando assim o processo histórico de desenvolvimento das nações. Nesse sentido, Dugin (2014) defende que cada sociedade possui a prerrogativa de viver de acordo com suas próprias normas e valores, não devendo se dobrar a imposições externas de nenhuma natureza. Não obstante, o autor considera que a Rússia está destinada a liderar uma nova alternativa global - e Eurasiana - ao modelo de desenvolvimento Ocidental, centrado na Europa e na América do Norte (DUGIN, 2014), com Moscou trabalhando ao lado da China pela criação de uma ordem internacional multipolar.

particulares, de modo que: “o indivíduo não se curve ao mundo e sim o mundo ao indivíduo”; desse tipo de entendimento resultaria então o caráter essencialmente individualista da civilização Ocidental e seus impulsos por dominação sobre o mundo externo, ou seja, sobre as demais sociedades do globo. A Rússia, por seu turno, funcionaria segundo um entendimento mais “coletivista” (à guisa de países como China e Japão, por exemplo), na qual transformações sociais partem não do indivíduo, mas sim do coletivo, sociedades em que o bem “comum” coloca-se acima do bem individual, resultando na importância de conceitos como “comunalismo”, “conciliarismo”, “comunismo”, “comunitarismo”, “solidarismo”, entre outros.

Se, por um lado, o Eurasianismo Duginiano possui tons mais civilizacionais, o Eurasianismo esposado por Mackinder constitui-se como uma tese propriamente geoespacial. Tomemos como exemplo os conceitos de Eurásia presentes na obra *The Geographical Pivot of History* (O Pivô Geográfico da História), escrita pelo geógrafo inglês Halford Mackinder em 1904. Nela, Mackinder descreve a Rússia como o principal ocupante de um enorme espaço territorial que ele chamou de “Ilha-Mundo”, abrangendo os continentes Europeu, Asiático e Africano. Nessa “Ilha-Mundo”, o *Heartland* (coração da terra) seria o núcleo terrestre de todo o continente Eurasiático (MACKINDER, 2011), cuja maior parte era dominada pelo Império Russo. Ademais, Mackinder foi quem expôs a ideia de que quanto maior o controle territorial de um Estado, maior seu poderio econômico e militar. Dessa forma, o poder terrestre contido na Eurásia seria fundamental para qualquer potência que pretendesse atingir uma condição de *primus inter pares* no sistema internacional.

Delineando as vantagens geográficas da Eurásia, Mackinder (2011) sugeria que o espaço então ocupado pelo Império Russo oferecia a possibilidade de formação de uma entidade política praticamente autárquica, repleta de abundantes recursos naturais e humanos.

Figura 1 – Ilha-Mundo e Heartland (ou Pivot Area, Área Pivô) segundo Mackinder.



Fonte: MACKINDER, 1904.

Segundo uma famosa frase do autor inglês, “Quem governa a Europa do Leste

comanda o *Heartland*; quem governa o *Heartland* comanda a Ilha-Mundo; [e] quem governa a Ilha-Mundo comanda o mundo” (MACKINDER, 1942, p.106). Para Mackinder, portanto, a Rússia controlava um território essencial do ponto de vista geopolítico, o que provocava o receio das grandes potências da época. Nesse sentido, o geógrafo chegou a defender que o principal objetivo da política externa britânica resumia-se em impedir uma união entre Alemanha e Rússia. Para Mackinder, tal união provocaria a supremacia do poder terrestre Eurasiático frente ao poder marítimo então comandado pela Grã-Bretanha.

Tal objetivo de política externa, por sua vez, teria sido herdado pela mais poderosa ex-colônia britânica, os Estados Unidos, que desde o século XX procurou impedir a dominação da Eurásia por poderes hostis (MITCHELL, 2018), e que após o final da Guerra Fria, passou a olhar com preocupação os movimentos de aproximação entre a Alemanha e a Rússia no continente europeu, sobretudo na questão energética.

Nos dias atuais, China e Rússia são os países que vem atuando como “as principais forças motrizes por trás da integração regional [na Eurásia]” (ROLLAND, 2019, p.17-18; tradução nossa), provocando assim novas apreensões por parte dos Estados Unidos a respeito da formação de um “polo Eurasiático” independente, cujos valores contradizem os valores defendidos pelas democracias ocidentais. Como observa Bezerra (2023), China e Rússia vem atuando em conjunto “no intuito de consolidar a Eurásia como um polo de poder” não-ocidental nas relações internacionais. Ao mesmo tempo, aponta Rolland (2019, p.8; tradução nossa), ambos os países enxergam com preocupação a presença do Ocidente “em lados opostos da massa terrestre Eurasiana”, seja pelos acordos estadunidenses no leste asiático, seja pela expansão da OTAN no Leste Europeu.

O presidente Vladimir Putin, de fato, enxerga a ampliação da OTAN como uma ameaça significativa à segurança da Rússia e como parte de uma nova “política de contenção” aplicada pelos Estados Unidos e seus aliados ocidentais contra o país (OLDBERG, 2010; FREIRE, 2008). Nesse sentido, a Rússia retoma o papel de vítima da constante “rejeição”, “isolamento” e “cerco” por parte do Ocidente, como se Moscou estivesse a todo momento “prestes a ser atacado por forças hostis” (BRADEN e SHELLEY, 2000; WALTZ, 2000). Como resultado, ao longo dos anos 2000 as

intervenções da Rússia em países como a Geórgia (2008) e a Ucrânia (2014 e 2022) demonstraram que o Kremlin buscou meios de impedir militarmente com que estes países ingressassem na OTAN.

É nesse contexto de conflito que destacam-se a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, e a corrente conflagração bélica manifestada pela Guerra da Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022. Nela, presenciou-se, inclusive, ameaças veladas do lado russo e do lado europeu sobre a possível utilização de armas nucleares, tornando imperativa a atenção mundial à disputa russo-ucraniana.

Não por acaso, e por conta dos diferentes interesses geopolíticos em jogo, a Ucrânia vem recebendo significativo suporte militar de países vizinhos e de Washington. Esse apoio, por sua vez, tem sido fundamental para que Kiev se mantenha de pé, atingindo relativa paridade de recursos tecnológicos com relação à Rússia, já que se a Ucrânia dependesse exclusivamente de suas próprias capacidades, certamente que seu poder de resistência seria menor.

Afinal, em análises iniciais dos recursos de ambos os beligerantes, imaginava-se que o combate, iniciado em fevereiro de 2022, teria um vencedor claro: a Rússia. Todavia, o conflito já se estende por mais de dois anos, especialmente em vista do respaldo e do apoio militar à Ucrânia por parte das nações ocidentais. No entanto, é importante considerar que a Rússia também não está enfrentando esse situação de forma isolada, pois conta com o apoio direto da Coreia do Norte e de um importante anteparo econômico de países dos BRICS, por exemplo.

2. SPYKMAN E SUA TEORIA DO RIMLAND

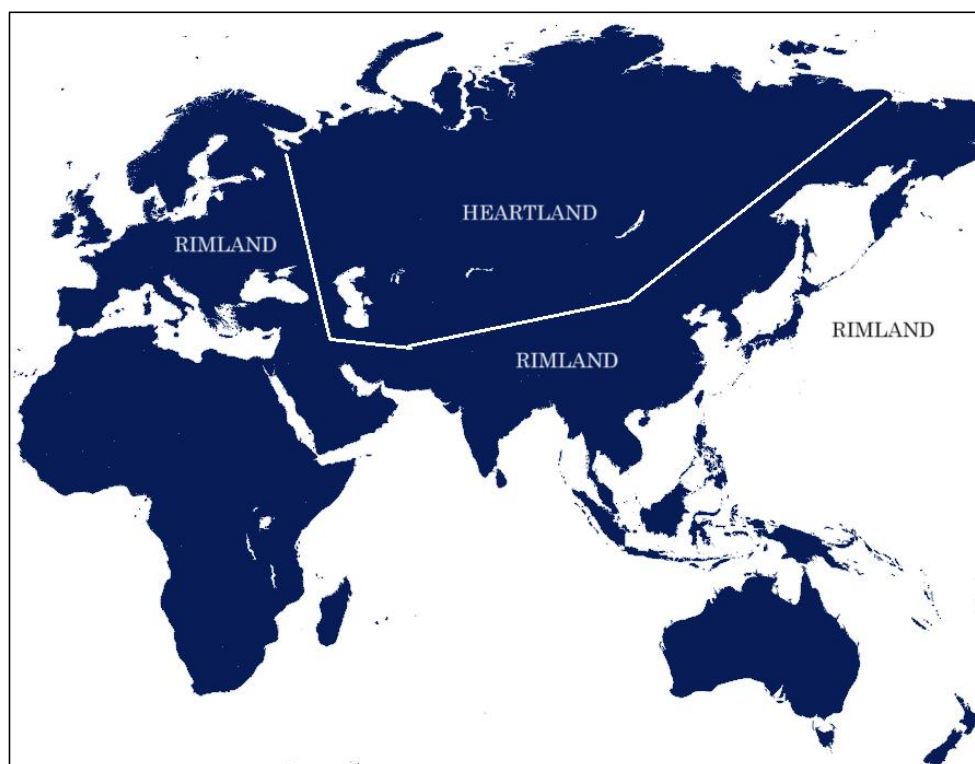
Nicholas Spykman, geopolítico radicado nos Estados Unidos e inspirado por seu antecessor inglês Halford Mackinder, desenvolveu uma teoria que analisa aspectos distintos do território Eurasiático. Enquanto o conceito de *Heartland* afirmava que a região do Leste Europeu detinha a máxima relevância estratégica dentro da “Ilha-Mundo”, Spykman vai dizer que são as periferias em torno do *Heartland* que representam o verdadeiro epicentro da geopolítica global.

A essas periferias Spykman dá o nome de *Rimland*, que propiciariam àqueles que a controlam um enorme domínio sobre os mares e as principais rotas comerciais do

mundo. Ao revisitar o pensamento de Mackinder, Spykman (s/d, apud SANTOS, 2015, p.4) realiza uma inversão lógica quanto ao conceito de domínio global, formulando-o da seguinte maneira: “Quem controla o *Rimland*, domina a Eurásia. Quem domina a Eurásia, controla os destinos do mundo”. Ao longo da Guerra Fria, portanto, as áreas que compunham o *Rimland* foram fundamentais para a estratégia de contenção aplicada pelos Estados Unidos à União Soviética.

Tal estratégia se concretizou por meio da formação de um “cordão sanitário” em volta da União Soviética, que envolveu a criação de acordos de segurança coletiva e pactos de assistência mútua, principalmente com países dos entornos da massa terrestre Eurasiática (CORREIA, 2012). Exemplos que ilustram esse processo incluem a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949 e a já extinta Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO) em 1954.

Figura 2 – Rimland segundo Spykman



Fonte: Autores.

Quanto à OTAN, com sua contínua expansão para a Europa Oriental no contexto

do pós-Guerra Fria (1991-2023), e o percebido interesse da Ucrânia em fazer parte dessa organização, forma-se um dos principais pontos de contenda a antagonizar Moscou e o Ocidente, culminando na deflagração do conflito russo-ucraniano em 2022. Para além disso, o *Rimland* demonstrou ser de grande valia também no sentido comercial-econômico, com especial destaque para o lançamento do projeto Nova Rota da Seda em 2013 pela China, que abarca a maior parte dos países à margem do *Heartland*. Afinal, qualquer processo de integração regional é resultado do impulso de seus atores principais no sentido de aumentar sua influência política, e com a China não tem sido diferente.

A Rússia, por sua vez, buscou posicionar-se como o centro de um bloco econômico multinacional – e Eurasiático - distinto (WEITZ, 2014), a começar pela formação de uma União Aduaneira com Bielorrússia e Cazaquistão em 2010, cujo intuito era suprimir entraves ao comércio e estabelecer uma política tarifária comum para a importação de produtos de terceiros países. Quatro anos depois, em 2014, ocorre a formação da União Econômica Eurasiática (UEE) que, além de Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão, conta ainda com as participações adicionais de Quirguistão e Armênia. Ora, pode-se considerar que tanto Cazaquistão, como o próprio Quirguistão e Armênia, fazem parte justamente do *Rimland* de Spykman. A exemplo da União Europeia, a UEE tem o intuito de estabelecer a livre circulação de mercadorias, serviços, capitais e trabalho entre seus signatários.

À época do lançamento da UEE, Putin comentou que a organização representava “uma poderosa associação supranacional capaz de se tornar um dos pólos do mundo moderno e servir como uma ponte entre a Europa e a dinâmica região da Ásia-Pacífico” (PUTIN, 2011; tradução nossa). Com isto, a estratégia de Putin consistiria na criação de um “polo de poder” no sistema internacional multipolar, fazendo uso dos recursos naturais e industriais existentes na Eurásia (DUGIN, 2014; COHEN, 2014; BLANK, 2014).

No plano energético, a UEE detém cerca de 14% da produção de petróleo e cerca de 19% da produção total de gás natural do mundo, que para alguns analistas, estaria por detrás dos cálculos políticos de Moscou, que visa aglutinar esses recursos de poder para elevar sua influência sistêmica (WEITZ, 2014). Seja como for, a exemplo do

período soviético, a Rússia detém uma evidente superioridade dentro do bloco formado pela UEE, sendo responsável por cerca de 84% de seu território, 54% de sua produção de petróleo, 93% de sua produção de gás natural e 78% de sua população total.

Todavia, dentro da própria Eurásia, a Rússia enfrenta a competição do projeto de integração “Nova Rota da Seda”, anunciada por Xi Jinping em 2013, e que envolve investimentos estatais chineses em infraestrutura nos países da Ásia Central, direcionados para a construção de rodovias, portos, gasodutos e ferrovias transcontinentais que objetivam transportar de forma mais eficiente as mercadorias chinesas até o Ocidente. Ao todo, a “Nova Rota da Seda” englobaria cerca de 55% do PIB, 70% da população e 75% das reservas de energia do mundo, constituindo-se em um dos mais ambiciosos projetos empreendidos por um Estado em todos os tempos.

Para alguns, os investimentos chineses em infraestrutura ao longo do continente terminarão por deslocar a Rússia de sua posição de “principal ator geopolítico regional”, consolidando assim a liderança econômica e política da China não só no *Rimland*, como na Eurásia de um modo geral. Conforme afirma Lagutina:

O que a China propõe [com a “Nova Rota da Seda”] não é mais uma iniciativa clássica de integração - é, na verdade, um megaprojeto, compreendendo diversas iniciativas em diferentes áreas (da economia à cultura), que, uma vez implementadas, conduzirão à criação de uma “Eurásia Maior”, estendendo-se do Oceano Pacífico aos Mares Báltico e Mediterrâneo (LAGUTINA, 2017, p.57; tradução nossa)

Seja como for, em 2015, Putin e o presidente chinês Xi Jinping assinaram uma declaração conjunta que versava sobre a possibilidade de uma futura harmonização entre a União Econômica Eurasiática (UEE) e a “Nova Rota da Seda”, acenando para uma possível “cooperação russo-chinesa na Eurásia”. Ainda assim, “a natureza sobreposta e potencialmente competitiva desses projetos destaca a potencial incompatibilidade das visões chinesa e russa para a região” (BEESON e ZENG, 2018, p.8; tradução nossa), em vista da disparidade econômica existente entre Rússia e China.

Enquanto isso, a Rússia enfrenta atualmente uma situação de recessão econômica amplificada pelas sanções ocidentais ao país como resposta à guerra na Ucrânia. Logo, o projeto russo de solidificação de sua influência no espaço geopolítico

Eurasiático (seja no *Heartland* ou no *Rimland*) se vê dificultado, não somente pelas restrições impostas pelo Ocidente, mas também pelo crescente papel de liderança da China na Ásia Central e na Eurásia como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista Duginiano, a ideia de Eurásia envolve uma civilização tradicional e religiosamente distinta do Ocidente, fundada na história e no destino comum de diferentes povos, sobretudo dos povos turcos e eslavos, que habitam a massa terrestre eurasiática. Já a teoria do poder terrestre elaborada por Mackinder nos ajuda a entender porque algumas nações buscam expandir seus territórios na Eurásia, ainda que sob justificativas diferentes. Afinal, dado o valor estratégico da Eurásia, até mesmo países que não enfrentam uma ameaça direta advinda dela vem empreendendo esforços para ampliar sua influência no continente.

Por fim, a perspectiva de Spykman fornece elementos importantes para se entender a razão por detrás do surgimento de alianças, tratados e movimentos de cooperação entre as grandes potências (como Estados Unidos, Rússia e China) e os países pertencentes à região do *Rimland*. No plano da integração Eurasiática, aliás, Rússia e China vem defendendo modelos próprios de atuação, sobretudo na Ásia Central, com ambos a disputar o papel de principal líder da região

Por conseguinte, entendemos que as aplicações conceituais das teorias de Dugin, Mackinder e Spykman continuam válidas. Mais do que isso, a prática política russa – e de outras potências importantes do sistema internacional – mostra que a Eurásia voltou a ser o coração global do mundo geopolítico.

Referências

BEESON, Mark; ZENG, Jinghan. **The BRICS and global governance: China's contradictory role.** *Third World Quarterly*, 2018, pp. 1-17.

BEZERRA, Valdir da Silva. **A consolidação do eixo euro-asiático.** Disponível em: <https://jornalggn.com.br/geopolitica/a-consolidacao-do-eixo-euro-asiatico-por-valdir-da-silva-bezerra/amp/>

BLANK, Stephen. **The Intellectual Origins of the Eurasian Union Project**. In: CORNELL, Svante E; STARR, Frederick S (org.). *Putin's Grand Strategy: The Eurasian Union and Its Discontents*. Singapore: Central Asia-Caucasus Institute e Silk Road Studies Program, 2014, pp. 14-28.

BRADEN, Kathleen E; SHELLEY, Fred M. **Engaging Geopolitics**. New York: Routledge, 2000.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **A Geoestrategy for Eurasia**. In: BRZEZINSKI, Zbigniew. *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*. Washington: Basic Books, 1997.

COHEN, Ariel. **Russia's Eurasian Union Could Endanger the Neighborhood and U.S. Interests**. The Heritage Foundation: 2014. URL: <https://www.heritage.org/europe/report/russias-eurasian-union-could-endanger-the-neighborhood-and-us-interests>

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Geopolítica e Geoestratégia**. *Nação e Defesa*, Lisboa, v. 5, n. 131, p. 229-246, jan. 2012.

DUGIN, Alexandr. **Eurasian Mission: An Introduction to Eurasianism**. United Kingdom: Arktos Media Ltd, 2014.

FREIRE, Maria Raquel. **As Eleições Presidenciais Na Rússia: Continuidade Na Mudança**. Universidade de Coimbra: 2008. URL: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/9605>

LAGUTINA, Maria. **Improving Relations with Russia and Ukraine**. In: *China's Belt and Road: a Game Changer?* Edited by Alessia Amighini. The Italian Institute for International Political Studies (ISPI): 2017, pp.53-74.

MACKINDER, Halford. **O Pivô Geográfico da História**. *Revista de Geopolítica*, Natal - RN, v. 2, nº 2, p. 3 – 27, jul./dez. 2011. Tradução do Inglês para o Português: COLODA, Thiago Alberto; ANDRADE, Bianca de. URL: <http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/30/30>

MAZARR, Michael J et al. **Understanding the Emerging Era of International Competition: Theoretical and Historical Perspectives**. RAND Corporation: Research Report, 2018, RR-2726-AF, pp. 1-46. URL: https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR2726.html

MITCHELL, Wess. **U.S. Strategy Towards the Russian Federation**. Washington D.C: Senate Foreign Relations Committee, 2018. URL: https://www.foreign.senate.gov/imo/media/doc/082118_Mitchell_Testimony.pdf

OLDBERG, Ingmar. **Russia's Great Power Strategy under Putin and Medvedev**.

Swedish Institute of International Affairs: 2010. URL:
<https://www.ui.se/globalassets/ui.se-eng/publications/ui-publications/russias-great-power-strategy-under-putin-and-medvedev-min.pdf>

PUTIN, Vladimir. **A New Integration Project for Eurasia: The Future in The Making.** The Embassy of the Russian Federation to the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland: 2011. URL: <https://www.rusemb.org.uk/press/246>

ROLLAND, Nadège. **A China–Russia Condominium over Eurasia.** Survival, Vol. 61, no.1, 2019, pp. 7-22.

SANTOS, José Alberto Loureiro dos. **O coração da Eurásia contra o resto do mundo.** Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2015, pp.1-25. URL: <https://www.acad-ciencias.pt/books/o-coracao-da-euroasia-contra-o-resto-do-mundo/>

TSVETKOV, Ivan. **US—Russian Relations.** In: TSVETKOVA, N (Ed.). Russia and the World: Understanding International Relations. Lexington Books, 2017, pp. 377-398.

WALTZ, Kenneth N. **Structural Realism after the Cold War.** In: International Security, Estados Unidos, v.25, n.1, p.5-41, 2000.

WEITZ, Richard. **The Customs Union and Eurasian Union: A Primer.** In: CORNELL, Svante E; STARR, Frederick S (org.). Putin's Grand Strategy: The Eurasian Union and Its Discontents. Singapore: Central Asia-Caucasus Institute e Silk Road Studies Program, 2014, pp. 29-39.

Recebido em 2024-07-21.

Publicado em 2025-04-10.